

Arquitetura Como Ferramenta no Processo de Aprendizagem de Portadores de Transtorno Espectro Autista – Estudo de Caso

Architecture as a Tool in the Learning Process of Patients with Autistic Spectrum Disorder – Case study

Rodrigo Fabrício Kerber, Mestre em Urbanismo, História e Arquitetura da Cidade, Universidade do Extremo Sul Catarinense.

rodrigokerber@sk.arq.br

Elaine Guglielmi Pavei Antunes, Mestre em Engenharia Civil, Universidade do Extremo Sul Catarinense.

elainegpa@unescc.net

Danieli Lemes Marques, graduação em Arquitetura e Urbanismo, Universidade do Extremo Sul Catarinense.

danielilemesmarques@hotmail.com

Yajaira Antuanneth Velaochaga Fernández, graduação em Arquitetura e Urbanismo, Universidade do Extremo Sul Catarinense.

yajaira.velaochaga@gmail.com

Resumo

As ações socialmente sustentáveis, quando colocadas em prática, possuem a capacidade de melhorar a qualidade de vida de toda população. O artigo origina-se a partir do projeto de extensão Habitat Saudável e Sustentável, que tem por objetivo conceber um Projeto Arquitetônico para uma edificação destinada a ser um ambiente de ensino a pessoas que apresentam Transtorno do Espectro Autista (TEA) da Região Carbonífera de Criciúma em Santa Catarina. Portanto, é necessário entender o TEA e as necessidades dos seus portadores, no âmbito da Arquitetura, que possam interferir no seu aprendizado. O procedimento metodológico teve enfoque em dois aspectos principais de pesquisa. O primeiro consistiu na busca de referenciais bibliográficos, acerca: “Ambientes arquitetônicos relacionados ao ensino de portadores do TEA”. O segundo conhecer a necessidade da Associação, segundo os números e realidade da região. Percebe-se a importância do aprofundamento do tema, considerando os melhoramentos que podem ser propiciados.

Palavras-chave: Arquitetura; Autismo; Educação Inclusiva; Sustentabilidade - Social.

Abstract

The actions socially sustainable are important because, when put into practice, they have the ability to improve the quality of life of an entire population. This article comes from the extension project Healthy and Sustainable Habitat, which aims to conceive an architectural design for a building destined to be a learning environment for people who suffer the autism spectrum disorder (ASD) of the Coal Region of Criciúma in Santa Catarina state. Therefore, it is necessary to understand the ASD and the needs of its patients within architecture that could interfere with their learning process. The methodological procedure focused two main aspects of the research. The first consisted in the search for bibliographic references, about "Architectural Environments related to the teaching of ASD patients". The second meets the needs of the Association, according to numbers and reality of the region. It is noticed the importance of deepening this subject, considering the improvements that can be propitiated.

Keywords: *Architecture; Autism; Inclusive Education; Social sustainability.*

1. Introdução

O Autismo foi inicialmente apresentado pelo psiquiatra Léo Kanner, em 1943, descrevendo a síndrome como incapacidade para estabelecer relações com pessoas.

Segundo Gauderer (1997) essa é uma doença grave, crônica e que pode comprometer o desenvolvimento normal de uma criança, manifestando-se tipicamente antes do terceiro ano de vida. Caracteriza-se por lesar e diminuir o ritmo do desenvolvimento psiconeurológico, social e linguístico. Estas crianças também apresentam reações anormais a sensações diversas como ouvir, ver, tocar, sentir, equilibrar e degustar. A linguagem é atrasada ou não se manifesta. Relacionam-se com pessoas, objetos ou eventos de uma maneira não usual, tudo levando a crer que haja um comprometimento orgânico do Sistema Nervoso Central.

Nos últimos anos, acredita-se que houve um aumento do número de pessoas com Transtorno de Espectro Autista (TEA). Em pesquisa nos Estados Unidos o número de casos de autismo é de 1 para cada 68 crianças com oito anos de idade, referente ao ano de 2010. No entanto, pode-se citar que em 2000 era de 1 criança a cada 166, em 2006, 1 para cada 110 e em 2008, 1 para cada 88 crianças (Portal da Revista Autismo, 2014). No Brasil não há estatística similar, o que se tem são estimativas com base na população existente. Em 2007, conforme pesquisa do Instituto de Psiquiatria do Hospital das Clínicas da Universidade de São Paulo (USP) o número de casos era de 1 para cada 190 habitantes, muito diferente de crianças (Portal da Revista Autismo, 2010). O livro "Retratos do Autismo no Brasil", publicado em 2013, informa que 0,62 % da população brasileira são portadoras do TEA, de acordo com dados disponibilizados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE), em 2012. Portanto, têm-se aproximadamente 1 caso para cada 161 habitantes atualmente.

Com base nesse crescimento é importante se atentar as necessidades desses cidadãos com o intuito de oferecer-lhes melhor qualidade de vida e perspectivas.

Atualmente no Brasil, com o intuito de proteger os direitos da pessoa autista existe a Lei Nº 12.764 – Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do

Espectro Autista, de 27/12/2012. Descrito no Art. 2º desta Lei, as diretrizes da Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista, previamente ressaltando que tanto poder público, quanto sociedade tem responsabilidades em desenvolver ambientes espaciais e físicos que apoiem os portadores de autismo. A lei ainda sustenta ao incentivo, formação e capacitação de profissionais para atender o autista, estimula pesquisa, estudos.

Conforme a Diretoria de Políticas da Educação Especial do Ministério da Educação do Governo Federal existem hoje 648.921 alunos com deficiência – visual, auditiva, física ou transtornos globais do desenvolvimento – estudando em classes comuns da educação básica. E, 29.221 na educação superior, estudantes matriculados em cursos de graduação. (Portal do Governo Federal, 2012)

Na área de arquitetura são poucos os relatos de experiência nesse tema, e diante do aumento descrito de pessoas diagnosticadas com essa síndrome, percebe-se a relevância em apresentar novas informações e estudos que venha a apoiar o ensino de projeto nessa área. É necessária a adequação desses ambientes com o intuito de melhorar e facilitar o aprendizado dessas pessoas, com ênfase principal em indivíduos com Transtorno do Espectro Autista.

2. Metodologia

Iniciou-se o seguinte trabalho com uma palestra realizada pela AMA-REC/SC, abordando o tema do Autismo na UNESC, no qual discutiram sobre as dificuldades dos portadores em dialogar e dos pais e professores em transmitir o ensino, comentaram também sobre o preconceito e sobre os colégios regulares não quererem aceitar alunos com autismo, alegando não ter estrutura ou profissionais capacitados, e por último apresentaram o método de ensino a partir da comunicação alternativa.

Em seguida teve-se por enfoque dois aspectos principais de pesquisa, análises de referenciais e estudo de caso. A etapa inicial baseou-se em referenciais bibliográficos sendo estes sobre o autismo, de que se trata a síndrome, quais são suas características e deficiências e conseqüentemente foram realizadas pesquisas acerca de: “Ambientes arquitetônicos relacionados ao ensino de portadores do TEA”, onde percebeu-se a carência de informações na área.

Foi então que visitou-se a AMA-REC/SC, e ouviram-se os relatos da responsável, no qual apresentou as adaptações que tiveram de ser efetuadas no local para poder atender a necessidade dos alunos, assim pode-se compreender a importância que tem o ambiente para o portador de autismo, além de conhecer a necessidade da Associação, segundo os números e realidade da Região Carbonífera de Santa Catarina (REC/SC). Para tal, foram necessárias participações em palestras, reuniões realizadas na AMA-REC/SC.

Continou-se durante todo o processo em contato com a AMA-REC/SC e a procura de referenciais arquitetônicos, sendo de grande importância os artigos de Simon Humphreys, que por conviver com seu irmão autista, se aprofundou mais do que outros autores, trazendo assim informações e detalhes que se devem incluir ou serem evitados em ambientes para autistas.

Essas pesquisas e relatos foram norteando as propostas em conceber os ambientes que são apontadas no seguinte artigo.

E posteriormente partindo de informações repassadas sobre distribuição de salas de apoio, saúde, pedagogia, entre outros, foi possível através de pesquisas e reuniões de extensão, analisar o que deveria conter cada sala, e assim gerar um programa de necessidades de cada ambiente, e elaborar uma tabela detalhando o cuidado que deve ser tomado nos ambientes de educação. A Figura 1 apresenta o Organograma de Atividades.

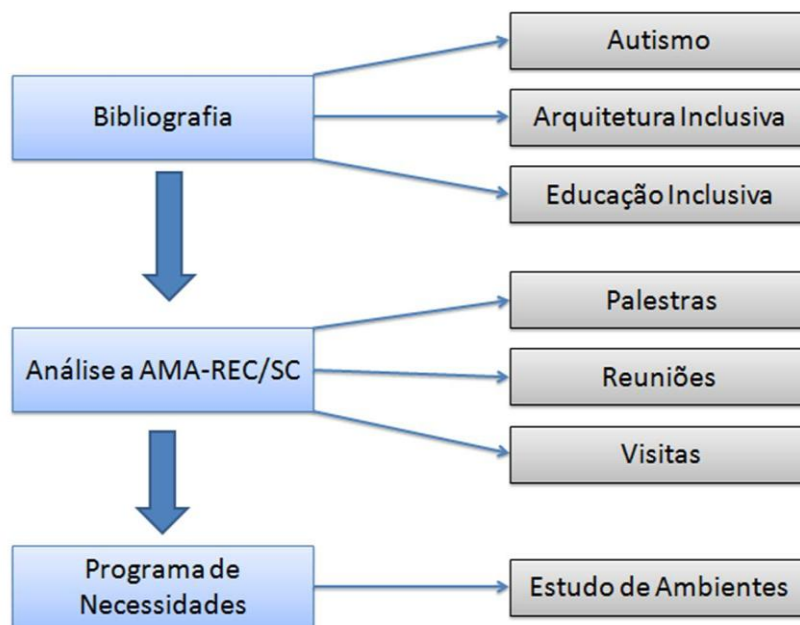


Figura 1: Organograma de Atividades. Fonte: elaborado pelos autores, 2015.

2.1 Informações AMA-REC

A AMA-REC, Associação de Pais e Amigos dos Autistas da Região Carbonífera de Santa Catarina, funciona numa edificação com 330,00 m² de área construída, está instalada no Bairro São Cristóvão, em Criciúma. Atualmente, a instituição funciona em três estabelecimentos subdivididos em uma sede principal, Figura 2, na Rua Antônio Gabriel Machado, onde estão os ambientes de apoio, secretarias, salas de ensino e espaços para atendimentos da saúde.



Figura 2: Sede principal da AMA-REC. Fonte: Elaborada pelos autores, 2015.

É oferecido pela instituição oficina de pintura em madeira, oficina de reciclagem de papel, e a cinoterapia, ao qual são ministrados em outro local, Figura 3.



Figura 3: Dependências das oficinas da AMA-REC. Fonte: Google Earth, 2015.

A outra acomodação pertencente à escola abriga salas de jogos e atividades de psicomotricidade, onde estão alocados os equipamentos aeróbicos e cama elástica. Esse terceiro local refere-se a uma sala anexa à Igreja de São Cristovão, Figura 4.



Figura 4: Acomodações na igreja. Fonte: Google Earth, 2015.

Além destas, a escola utiliza, ainda, uma piscina em espaço cedido próximo a instituição para prática de natação e outro para a prática de equoterapia localizado no bairro São Luis. Segundo informações repassadas pela instituição ao projeto, todas as instalações ficam próximas umas das outras, com exceção da de equoterapia.

No ano de 2002 a AMA-REC atendia 61 educandos com idade entre 0 e 46 anos, sendo que mais de 80% destes são residentes no município de Criciúma, hoje a instituição atende 114 alunos. Esse número não supre a necessidade da região, sendo que existe uma lista de espera com aproximadamente 40 alunos. A AMA-REC não consegue ampliar o número de vagas, pois não advêm de espaço físico para abrigar esses novos alunos. Ainda assim, é considerada baixa a relação de alunos atendidos, principalmente quando analisado em concomitância com a estimativa do número de pessoas portadoras de autismo da região, dados de 2002, realizada pela Revista Time Magazine, conforme a Tabela 1.

MUNICIPIO	TOTAL DE HABITANTES	TOTAL PESSOAS AUTISTAS
CRICIUMA	187.018	1.069
IÇARA	56.360	322
LAURO MULLER	14.131	81
MORRO DA FUMAÇA	15.994	92
NOVA VENEZA	13.032	75
SIDEROPOLIS	12.895	74
URUSSANGA	19.778	113
FORQUILHINHA	21.611	124
COCAL DO SUL	15.101	86
TREVISO	3.644	21
ORLEANS	20.859	119
TOTAL	380.423	2.176

Tabela 1: Quantidade de autistas na região carbonífera. Fonte: AMA/REC de Criciúma.

As atividades da escola acontecem em instalações adaptadas, atendendo numa área mínima de espaços requisitados a este tipo de educação especial, que normalmente implica em dispor de acessibilidade universal em toda extensão.

No entanto é importante salientar que tal posicionamento em definir estratégias de projeto no tema, não exclui a importância de inclusão do autista na escola regular, todos os posicionamentos diante ao tema e fato, tem relação com todo e qualquer ambiente de ensino que o autista poderá frequentar, essas informações consideram o ponto de vista em que as instituições devem atender essas diferenças educacionais.

3. Resultados

Conforme Mesibov e Shea (2005) acredita-se que a educação inclusiva consistia do mérito do aluno, que este deveria apenas frequentar a educação especial caso os educadores julgassem que eles seriam bem sucedidos, só então poderiam ser inseridos em ambientes de educação regular.

Na inclusão total pensa-se na sala de aula de ensino regular como sendo a base educacional e não uma colocação a ser adquirida por mérito. De acordo com aqueles favoráveis à inclusão total, os seus benefícios são: ampliação das expectativas dos professores em relação ao potencial de aprendizagem dos alunos incluídos; modelação de comportamento pelo dos colegas normotípicos, mais aprendizagem, mais autoestima, mais atitudes acolhedoras por

parte dos colegas, menos isolamento e menos estigma para os alunos com comprometimentos e suas famílias. (Mesibov e Shea, 2005).

Ainda, segundo os mesmos autores o ambiente para autistas pode ser manipulado favoravelmente das seguintes formas:

- Diminuir os níveis de sons o máximo possível;
- Criar áreas de trabalho isoladas e sem enfeites;
- Criar barreiras físicas que delimitem áreas de trabalho e lazer;
- Elaborar rotinas previsíveis;
- Instruir individualmente ou em pequenos grupos; e
- Apoiar-se na comunicação visual e gestual.

O objetivo dessas ações é dar ênfase na estruturação adequada do ambiente e assim propiciar que os alunos com autismo alcancem o máximo de independência possível.

Já quando se refere nos cuidados que se devem levar em conta na arquitetura para ensino de autistas, Simon Humphreys (2008), cita que a complexidade no detalhe de um edifício pode causar distrações visuais e, às vezes, obsessão. Para as pessoas com autismo os efeitos da complexidade são muito maiores, eles não são capazes de discernir ruídos separados, formas, etc, facilmente, isto pode levar a tensão. O autor aconselha, ainda, a retirar detalhes desnecessários que causem distração como no caso da esquadria de uma janela, a retirada desta é apontada por ele como uma solução mais repousante distraindo menos, de acordo com o observado na Figura 5.

Precisamos ser capazes de observar facilmente os movimentos de crianças com autismo, por razões de segurança e bem-estar, mas é importante que essa pessoa não se sinta como se eles estão sendo observados o tempo todo. Sentir-se livre é importante para crianças com autismo. Se oferecemos espaços internos e externos despojados isso vai ajudar na observação. Se houver fronteiras seguras conhecidas que não possam ser vistas, mas sejam conhecidas isso permite que as crianças com autismo "escapem da vista". (Simon Humphreys, 2008).



Figura 5: Ausência de detalhes. Fonte: ARCHITECTURE and AUTISM, 2008.

Com base nas análises, apresenta-se o “*Programa de Necessidades para Ambientes Escolares para Autistas*”, Figura 6, que apresenta informações que tem o intuito de proporcionar uma arquitetura que beneficie estes alunos para uma melhor aprendizagem. Além de criar um ambiente propício a torná-los independentes no futuro, como no caso de ter uma cozinha na escola, onde eles aprendam a fazer a sua própria comida. O “*Programa de Necessidades para Ambientes Escolares para Autistas*”, apresentado, originou-se de

pesquisas de bibliografias e da experiência repassada pela AMA-REC/SC, onde se obteve um estudo de programa de necessidades para educação e ensino de autistas, e, exigências especiais para cada ambiente que autistas devam frequentar.

AMBIENTES	ESCOLA AUTISTAS	IDEAL PERMITIDO	PROIBIDO
PÁTIO INTERNO	Afastado das salas de pedagogia.	Local com esconderijo (proporciona individualidade), onde o autista não se sinta visualizado mas que esteja à vista do profissional ou seja que garanta segurança.	Local sem nenhuma fiscalização do profissional.
PÁTIO EXTERNO	Local aberto, em contato com a natureza, afastado das salas de pedagogia.	Balanços, Redes de balançar, cadeiras giratórias, escorregadores, pequenas escadas, cama elástica, pufes ou almofadas, objetos para criação de circuitos e obstáculos.	Local sem nenhuma fiscalização do profissional.
ÁREA DE APOIO	Cozinha.	Isolamento acústico e exaustor (cozinha).	Transmissão de ruídos.
ÁREAS PEDAGÓGICAS	Afastada dos pátios, das áreas de esporte e eventos.	Propor extensões de salas: como varandas.	Transmissão de ruídos.
ÁREA DA SAÚDE	Materiais do uso do profissional, brinquedos não expostos, exercer atividade de ensino.	Evitar expor objetos, Janelas acima de 1,5m do piso, portas fechadas, isolamento acústico, cores neutras, detalhes ocultos (paredes lisas, piso liso), espelhos e cuidado na iluminação.	Lampadas fluorescentes tubulares. Ventilador ligado durante o diálogo. Janelas com peitoril convencional (90cm). Brinquedos expostos. Uso de cores fortes.
ÁREA ADMINISTRATIVA	Diretoria, secretaria, sala dos professores, coordenação pedagógica, orientação, sala de espera, sanitários, sala de profissionais saúde, COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA SAEDE/TID (Serviço de Atendimento Educacional Especializado / Transtorno Invasivo do Desenvolvimento).	Organização Espacial: Estar localizado próximo ao acesso principal a escola, Acessibilidade.	Ter contato direto com a parte pedagógica, Possuir portas.
CIRCULAÇÕES	Poucos corredores, acesso direto as salas, evitando deslocamentos, e possíveis conflitos de localização.	Ideal que todos os corredores e circulações tenham acessibilidade e estejam cobertos.	Possuir grandes corredores frente as salas de aula, pois podem ocorrer ruídos que atrapalhem a concentração, e fluxos conflituosos.
EQUOTERAPIA	Área independente ou anexa a instalação de hipismo. Instalação terapêutica. Realibitação Física e ou mental. Necessidades educacionais.	Eliminar barreiras que dificultem o acesso da pessoa portadora de necessidades especiais. Local organizado limpo e ventilado.	A pratica sem o acompanhamento do professor. Sem acessibilidade.
BIBLIOTECA	Local de armazenamento de livros e pesquisa.	Alturas estantes facil acesso, não podendo ser acima da alturas dos olhos (1,5 m).	Estantes acima da altura dos olhos (1,5 m).
EVENTOS	Auditorio teatro, mais salão de festas.	Ideal que estejam afastados da parte pedagógica e de ruídos externos, transições externas que permitam o convívio de comunidade e instituição.	Estar localizados proximos a parte de ensino, e salas que exijam concentração.
ÁREAS DE ESPORTES	Ginásio coberto, quadras, piscinas termicas infantil e adulto, playground infantil e adulto, confraternização familiar.	Acessibilidade, distante de salas de ensino.	Ficar próximo as salas de ensino.
CASA LAR	Possuir quarto, banheiro e cozinha.	Mobiliários e layout acessíveis, boa ergonomia, e bem planejados.	Ambientes grandes que distraiam a atenção, acessíveis.

Figura 6: Programa de Necessidades para Ambientes Escolares para Autistas. Fonte: elaborada pelos autores, 2015.

Houve pontos dos programas em que se sobrepõem detalhes a meio das necessidades de escola regular e para portadores de TEA, ou pontos que não se pode observar notórias indiferenças, entre elas, porém o intuito da Tabela é apontar as particularidades necessárias percebidas para impulsionar o bem estar pós-ocupação de alunos portadores de TEA, assim como servir de recursos educativos específicos de autismo.

Todos os estudos, visam propiciar na vida do autista inclusão de comportamento pelo dos colegas, mais aprendizagem, mais autoestima, mais atitudes acolhedoras por parte da sociedade, menos isolamento e mais oportunidades para os alunos portadores de TEA, assim como apoio á sociedade e suas famílias.

O estudo de cada ambiente trouxe interessantes hipóteses e eficientes situações para incluir autistas na sociedade, e propor melhorar o dia a dia, para desenvolver tais procedimentos, buscou-se obter uma percepção sensorial empática das dificuldades de autistas, e com grande auxílio da escola conseguiu-se, e por meio dessa tabela comparativa apontar singularidades em ambientes de aprendizado, que venham apoiar todo e qualquer instituição que acolha autistas.

3.1 Salas de aula

Embora existam poucos estudos desta ordem, da inclusão dos alunos portadores de TEA, propõem-se que abordam conceitos e elementos relacionados à dificuldades deste alunos em comunicar-se, e de necessitar de ambientes que os forneça não só ensino, mais refúgio, que imponha a possibilidade de combinar o espaço de aprendizado, sala de aula, com o externo, que traga liberdade de expressar seus diferentes comportamentos. Consequente a essas características, acredita-se que para responder a esses efeitos a necessidades de salas integradas com extensões de varandas voltadas para vegetação, trazendo acomodação, tranquilidade. Assim como regra, estarem afastadas de compartimentos em que aconteçam atividades sonoras.

Ao recorrer a essas particularidades nesse ambiente, a qualidade do ensino torna-se melhorada, os níveis de ruídos que implicam na habilidade de concentração do autista, acaba sendo reduzido; Traz a possibilidade dos educadores em amenizar possíveis comportamentos ativos, ansiosos, explosivos, levando os alunos fora das salas, numa extensão dela, relativamente assegura um controle das emoções, quando a percepção de externo, traga liberdade, tranquilidade.

Um ponto positivo da produção de novos modelos arquitetônicos mais adequados de apoio em salas de ensino para alunos, é para que possam ter um bom funcionamento em todos ambientes com o apoio adequado. Propondo, aos alunos com autismo, a inclusão total ate mesmo em ensino regular, assim não limitaria as opções ou possibilidades de educação, e tornar-se-ia mais fácil, adentrar em todas as variações , o modelo então seria compatível com a diversidade.

3.2 Pátios Externos – Pátios Internos

Estar conectado com espaços abertos, iluminados não é um simples contato externo, e sim um parte do projeto indispensável para fazer com que este espaço transmita sensações, emoções e que, permita visualizar cores, cenários e provocar essas sensações variadas ao indivíduo. Tão relevante quanto os ambientes de ensino, os de recreação tenho um papel tanto quanto importante na educação e desenvolvimento de portadores de TEA.

Assim como no ensino regular o aspectos recreativos tem função de desenvolver movimentos motores, psicomotores, comunicativos e de expressão para liberdade, serve para todas as faixas etárias de alunos.

O programa que se pretende atender no caso de escola para autistas, analisa as formas de como os portadores de TEA interpretam o meio social, e a forma de expressar a liberdade. Sendo então um pouco diferente, ao invés de propiciar sociabilidade entre os indivíduos, os espaços de pátios neste tipo de programa deve promover ambiente e aspectos que propicie individualidade.

Ainda sobre a dificuldade de se socializar, a forma como se organiza esses pátios devem acarretar um esconderijo, que traga sensações de liberdade, em que o autista sintasse “sozinho”, e ao mesmo tempo este local deve obter de total segurança e que esteja sob visualização de responsáveis. Ocorre que o programa difere, da forma da escola regular, onde no pátio o autista sintasse “em liberdade”.

Os equipamentos de recreação, como playgrounds, quadras, caminhos, devem além de ser acessíveis, estar pulverizados, de forma que quando usados, não atrapalhe outras atividades, pelo fato de quando um equipamento estiver sendo utilizado, os ruídos sejam amenizados pelas distancias.

3.3 Áreas de apoio

As necessidades educacionais de uma escola para portadores de TEA, deve resultar em possibilidades de interação e inclusão social, não somente dentro da instituição de ensino, uma vez que o caráter desse tipo de escola, não somente auxilia os alunos na parte de recursos educacionais de ensino letivo, mais sim ensino social, de construção da personalidade, propiciar passos para independência do autista perante a sociedade.

Dispor de espaços destinados a este outro tipo de ensino, requer uma diferenciação na abordagem e desenvolvimento de um projeto educacional para esta escola, onde aparece um aumento em áreas necessitadas, pois para acontecer as atividades que irão compartilhar para melhoramentos de suas diferenças sociais, surge a necessidade de grande cozinha, que não somente para preparação de refeições, serve também de ensino às praticas culinárias, onde alunos de maior faixa etária podem aprender de forma lúdica as habilidades diárias, isso maximiza o desenvolvimento e independência dos autistas.

Os resultados obtidos quando se dispõem de estruturas espaciais que possibilitem todas essas atividades, trazem uma complexidade ao programa desse tema, quando baseados em estudos se observa que as necessidades em incorporar a Casa Lar, é grandiosamente essencial nesse programa.

Um estudo sobre a Casa Lar, a forma e disposição de ambientes, baseados nas características de portadores do espectro autista, trouxe a maneira como se deve responder esse projeto, ambientes bem integrados faz-se necessário, pois promove a praticidade em realizar as atividades diárias sem fazer fluxos e circulações conflituosas, que venham a distrair atenções e voltar atenções diretas, que torne simples a execução dos afazeres domésticos diários. De encontro a tipologia que a Casa Lar deve atender, os mobiliários e

layouts devem ser ergonômicos e bem planejados, podendo evitar acidentes, que possam ocorrer.

4. Considerações Finais

Este artigo visa fornecer informações que possam auxiliar pessoas que tenham o interesse em fazer um ambiente de aprendizagem para portadores de autismo.

Acreditamos que com o número crescente de autistas nos dias atuais, esta pesquisa é de suma importância, já que ao se propor um cuidado especial no ambiente, propicia um local onde o portador possa aprender com mais facilidade, assim, levando em conta o papel da sustentabilidade social, podendo gerar uma melhor qualidade de vida para o portador e para quem está a sua volta.

Referências

FEDERAL, Governo. **Governo expande inclusão de pessoas com deficiência nas escolas.** Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/educacao/2014/12/governo-expande-inclusao-de-pessoas-com-deficiencia-nas-escolas>>. Acesso em: 11 nov. 2015.

GAUDERER, E. Christian. **Autismo e outros atrasos do desenvolvimento: guia prático para pais e profissionais.** Rio de Janeiro: Revinter; 1997. pg 327-330.

HUMPHREYS, Simon. **ARCHITECTURE and AUTISM 2008.** Disponível em: <http://autismsocietycanada.ca/images/dox/Autism_and_Architecture_08_Humphreys.pdf>. Acesso em: 04 maio 2014.

KANNER, Léo (1943). **Autistic Disturbances of Affective Contact,** Nervous Child, Vol. 2, pp. 217 – 250.

REVISTA AUTISTA. **Casos de autismo sobem para 1 a cada 68 crianças.** Março 2014. Disponível em: <http://www.revistaautismo.com.br/noticias/casos-de-autismo-sobem-para-1-a-cada-68-criancas>>. Acesso em: 20 jan. 2016.

REVISTA AUTISTA. **Número impressionante: uma em cada 110 tem autismo.** Setembro 2010. Disponível em: <http://www.revistaautismo.com.br/edic-o-0/numero-impressionante-uma-em-cada-110-criancas-tem-autismo>>. Acesso em: 20 jan. 2016.

MELLO, A. M. et all. **Retratos do autismo no Brasil.** São Paulo: SP. Editora da AMA; 2013.